



e1980-4180 — p1808-589X

AMBIGUIDADES E RESSIGNIFICAÇÕES
EM *DESPALAVARES*, DE WILBETT OLIVEIRA

*AMBIGUITIES AND RESIGNIFICATIONS IN
"DESPALAVRARES", BY WILBETT OLIVEIRA*

Arturo Gouveia de Araújo

Doutor em Literatura (USP)

Professor titular da Universidade Federal da Paraíba. T

<http://lattes.cnpq.br/7650852974945751>

E-mail: arturogouveia7@gmail.com

Recebido em: 10 outubro de 2021

Aprovado em: 20 novembro de 2021



Artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença **Creative Commons Attribution**, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Resumo:

Analisa o aspecto ambíguo, o uso incomum de vocábulos, o constante recurso a vocábulos neológicos e a resignificação no processo de criação poética em *Despalavrares*, de Wilbett Oliveira, além de outros aspectos, como a ausência de títulos internos e a linhagem dupla: síntese e expansão. Conclui que o livro reúne essa dupla preocupação, o que merece estudos analíticos mais significativos no âmbito de uma crítica qualificada.

Palavras-chave: Poesia contemporânea. Literatura. “Despalavrares”. Wilbett Oliveira

Abstract:

It analyzes the ambiguous aspect, the unusual use of words, the constant use of neological words and the resignification in the process of poetic creation in “Despalavrares”, by Wilbett Oliveira, in addition to other aspects such as the absence of internal titles and the double lineage: synthesis and expansion. It concludes that the book brings together this dual concern, which deserves more significant analytical studies in the context of qualified criticism.

Keywords: Contemporary poetry. Literature. “Despalavrares”. Wilbett Oliveira

Despalavreres, de Wilbett Oliveira, é um livro de poemas que chama a atenção por algumas proposições inesperadas. Percebe-se logo o uso incomum de vocábulos, desde o título: formado a partir de um prefixo não previsto no radical de “palavra”, mas também o plural de “ar” (“ares”), que impõe a ambiguidade entre sufixo e/ou plural de terminação de verbo em primeira conjugação, convertido em substantivo. Esse recurso se torna recorrente em todo o texto; do ponto de vista visual, a quebra da palavra-motivo do texto em “des” e “res” abre ao leitor a possibilidade de leituras adversas.

O livro inteiro parece um único texto, porque não tem limites representados por títulos. Essa ausência não demarca com precisão o que seria o “desfecho” de um desenvolvimento de elaboração, seja ele temático ou formal. Por exemplo, o leitor pode reservar alguns trechos para ler ou recitar – e esse recorte não prejudica a compreensão da intenção do eu lírico:

nenhuma poesia
há de vingar
se não vier o homem

e, de repente, vassalo,
cantá-la num assobio
de pássaro

Para provarmos o quanto o significado do “des”, proposto desde o título, tem incidência no texto como um todo, vejamos essa passagem de antológica intensidade negativa:

sou o feto da palha seca
desestradas, descaminhos
plenos de desvios:
desertações
sou desnenhum do brejo, bicho.
sou (des)pertença doutroslugares

A fragmentação existencial do eu-lírico (não só o sentimento, mas uma autoconsciência de “desperença” e de falta de identidade com afetos humanos ou qualquer coisa) impõe à representação do vivido uma busca de expressão que lhe seja correspondente. Não se trata, pois, de apenas “derramar” no papel aquilo que se sente, um estado problemático ou crise existencial, mas buscar a forma expressiva condizente com tal situação.

O constante recurso a vocábulos neológicos também contribui para a expressividade dessa busca. Em certos momentos, as palavras conhecidas, mesmo com arranjos singulares, parecem insuficientes para exprimir o estado de angústia de interioridades solitárias, melancólicas, sem relações humanas suficientes e satisfatórias, de ordem pessoal ou social. Nessas situações, de fato, o eu-lírico se sente na incumbência de recorrer a expressões imprevistas no código linguístico, não no sentido de mera ressignificação do convencional, mas na instauração de palavras requeridas para fins muito específicos:

despalavras
respalavras
reles palavras
res da larva rara
palavrares
alás valhallas
larvas searas
serpalavras
empalavrecer

Observe-se que a inclusão de palavras estrangeiras, conjugadas às de língua portuguesa pela proximidade fonética e pelo campo semântico, reforça essa motivação fundante do livro. Não é à-toa que essa estrofe é situada exatamente na abertura do livro, uma espécie de preâmbulo de todo desenvolvimento subsequente. Essa posição estratégica merece, após leitura de todo o texto, uma interpretação retroativa: além do seu significado particular, que poderia ser discernido à margem de qualquer

outra passagem do livro, essa estrofe concentra uma elucidação poética da obra como um todo, como um prefácio sutil de sua própria organização e das intenções.

Na poesia brasileira do século vinte, a tensão entre poéticas da síntese e da expansão foi uma das tendências mais marcantes. Oswald de Andrade, João Cabral e a Poesia Concreta são exemplos da primeira concepção, com influência pertinente em novas gerações e também nos paradigmas de leitura da própria crítica literária. Mas houve também reações a esse “catar feijão”: é muito conhecida a posição de Adélia Prado, por exemplo, contra poéticas que tendem ao minimalismo.

Dadas essas duas opções estéticas, acreditamos que a mais pertinente atitude da crítica literária é averiguar a qualidade de ambas as composições, e não agir com princípios de interpretação dogmática, com a “cabeça feita”, antes da avaliação singular de cada texto. Nas Universidades houve um tempo de forte desqualificação de uma poesia mais abrangente, digamos, das propostas que não se encaixavam à concepção cabralina de corte máximo daquilo que seria imprudente pelo excesso; e, várias vezes, esse excesso era identificado muito mais pela quantidade das palavras (sintagmas mais extensos etc.) do que pela real qualidade e funcionalidade do aparentemente “macarrônico” e repetitivo. Um texto como “Construção”, de Chico Buarque, se fosse julgado pela repetição, não teria o valor que lhe é intrínseco. É necessário averiguar o significado interno da repetição – ou de qualquer componente –, o que muito aparece no próprio João Cabral e na Poesia Concreta.

No caso específico de *Despalavreres*, não é difícil discernir uma tentativa de filiação dupla, contemplando tanto o mínimo quanto a abertura para o expandir dos sentimentos. Vejamos essa passagem:

não me importo mais
se o vento arranca a janela,
entra e quebra a garrafa de café
e o pote de biscoitos,
pois ando mesmo é sem nenhuma fé

Para uma parte da crítica universitária, a utilização de conjunções (como o “pois” e outras recorrentes no texto como um todo) prejudicaria a poeticidade pelo fato de, dentre outras consequências “negativas”, estar explicando o significado, diminuindo a participação do leitor na recepção. A poética proposta por Wilbett estabelece um diálogo crítico com tal radicalismo sintético, ao mesmo tempo em que a voz lírica também se vigia para não extrapolar a forma cabível ao conteúdo expresso. Assim, tanto os poemas de maior referencialidade/intimidade quanto os de teor metalinguístico concorrem para a familiaridade com tendências heterogêneas. É o que se pode observar nos dois exemplos abaixo:

sempre me perco
nessas noites embalsamadas de seda
e sede de tormentas
quando as rezas desfazem os milagres
.....
meus poemas são canções de sal,
dardos de Céfaló,
atingindo o desgosto
de meus interiores
.....

Fica evidente a assunção de uma proposta artística de forma relativa, sem a mitificação de uma concepção como a única, a de vanguarda irreversível, como se a arte tivesse o mesmo comportamento da tecnologia. O afastamento de pretensões de substituição de paradigmas estéticos sem retorno abre espaço, pois, para a conjugação de formas as mais diferentes, inclusive de finalidades opostas. Isso nos faz lembrar a ambiguidade proposital de Drummond nos dois primeiros poemas de *A rosa do povo*: enquanto “Consideração do poema” enfatiza o apego do poeta a temas sociais, “Procura da poesia” salienta, desde o título, a busca exclusiva da forma apropriada à mais pura e isolada poeticidade, uma espécie provocativa de

“arte pela arte” modernista, sem a menor intervenção de conteúdos históricos.

Essa comparação serve para filiar o livro de Wilbett a preocupações que vêm marcando a poesia brasileira desde o modernismo. Se não podemos falar de “originalidade”, conceito de difícil aplicação a qualquer obra de arte, também é arbitrário falar de esgotamento de conquistas já consolidadas há décadas. É necessário o reconhecimento de arranjos semânticos intensamente “desautomatizados”, no dizer dos Formalistas Russos, revelando liberdade na busca de combinações singulares, o que garante uma qualidade incomum ao texto. Vejamos tal passagem:

ferrugem incrustando-me os ossos
algas encorpando-me a pele:
lama

decerto, tornar-me-ei pântano,
planta:
alma

Há outras ainda mais expressivas nesse aspecto, por abranger até mesmo pontuações e recursos visuais, tributo pago aos poetas concretistas, o que não impede, porém, novas reflexões:

por entre	frascos e comprimidos
vão-se	os fracos e oprimidos
com seus	ascos, reprimidos
e eu	bardo brado, (in)definido,
em meus	passos retorcidos
e meus	traços trapos e aspirinas

Para concluir essa breve introdução, com o discernir de algumas categorias que poderão ser desmembradas em análise, enfatizamos ainda que a relação entre totalidade textual/quebras, um dos procedimentos mais presentes no livro, permite tanto a interpretação do conjunto (inserir o menor dentro do maior) quanto a leitura solta, sem necessariamente a dependência do trecho escolhido para com os antecedentes. Certas passagens merecem destaque exatamente pela capacidade de atingir essa possibilidade:

nesses tempos líquidos
o sol regurgita os desertos
enquanto os homens deambulam
errâncias

no antegozo dos instantes
na vibração das estradas
irrompem-se os porvires,

um silêncio denso
- em suas inexcedíveis nervuras –
mastiga o tempo

agônicos andarilhos
desandando estradas
de salivas e de sílabas
e o tempo quebra os ossos
dos homens nas pedras

Não é sem propósito afirmar que todos esses “agônicos andarilhos” confluem para uma meta de recriação tanto de aspectos da

existência prática quanto da linguagem já como instância metafísica de representação:

quero apenas capturar
o indizível do que se diz
no desdizer do tempo

Despalavreres, pois, reúne essa dupla preocupação, o que merece estudos analíticos mais significativos no âmbito de uma crítica qualificada.